



III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo

**arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva**

São Paulo, 2014

---

**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias   |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Urbanidade para os Bilhões**

*Urbanity for the Billions*

*3<sup>rd</sup> Symposium of the Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação  
em Arquitetura e Urbanismo – III ENANPARQ*

CASTELLO, Lineu

Professor Doutor, UFRGS – PosArq. Brasil; PosArq.UniRitter/MacKenzie, Brasil; lincastello@terra.com.br



## Urbanidade para os Bilhões

### *Urbanity for the Billions*

#### **RESUMO**

*Urbanidade é um atributo que não se define por palavras: urbanidade é uma sensação e, como tal, percebida sensorialmente, ainda além de pela cognição. A urbanidade é desfrutada em certos espaços das cidades, alguns autores falando de lugares da urbanidade, ou seja, espaços urbanos onde um acúmulo de convergências fenomenológicas faz a urbanidade eclodir com maior espontaneidade. A observação da contemporaneidade das cidades estabelece uma diversidade de linhas de raciocínio a respeito dos novos espaços públicos urbanos. A cidade brasileira, com características tão excepcionais em termos de desigualdades sociais, torna até aceitável o emprego da metáfora da 'urbanidade para os bilhões' para o approach a seus espaços de convívio. É para a busca de proposições exploratórias e alternativas criativas para a máxima ampliação no número de lugares conviviais na cidade contemporânea que se voltam os argumentos elaborados no presente texto, cuja metodologia privilegia um aprendizado empírico com as cidades.*

**PALAVRAS-CHAVE:** lugar; urbanidade; convivialidade: *proposições exploratórias e alternativas criativas*

#### **ABSTRACT**

*Urbanity is an attribute non-definable through words: it is a sensation and, as such, sensorially perceived, besides cognitively. Urbanity is enjoyed in certain spaces of a city, with some authors speaking of places of urbanity, that is, urban spaces in which an accumulation of phenomenological convergences brings up urbanity more generously. A closer look at the contemporaneity of cities brings forth a succession of reasonings about the new urban public spaces. Brazilian city, so exceptionally marked by social inequalities, makes acceptable the use of a metaphor such as 'urbanity for the billions' as a leading approach for studying the convivial spaces of a city. Arguments in the present article move around the search for exploratory propositions and creative alternatives for reaching a maximum increase in the number of convivial places in contemporary cities, following a methodological framework aligned with empirical learnings taken from cities themselves.*

**KEY-WORDS:** place; urbanity; conviviality: *exploratory propositions and creative alternatives*

#### **RESUMEN:**

*La urbanidad es un atributo que no está definido por las palabras, urbanidad es un sentido, y por lo tanto, percibida sensorialmente además de por la cognición. La urbanidad es disfrutada en ciertas zonas de la ciudad, algunos autores hablan de lugares de urbanidad, es decir, las zonas urbanas, donde la acumulación de convergencias fenomenológicas hace brotar la urbanidad con mayor espontaneidad. La observación de las ciudades contemporáneas proporciona una variedad de líneas de razonamiento con respecto a nuevos espacios públicos urbanos. La ciudad brasileña de tales características excepcionales en términos de desigualdades sociales, hace aceptable el uso de la metáfora de la "urbanidad a los miles de millones para acercarse al estudio de sus espacios de convivencia. Los argumentos desarrollados en este texto se vuelven a la búsqueda de proposiciones exploratorias y de alternativas creativas para la máxima expansión en el número de lugares de convivencia en la ciudad contemporánea, empleando una metodología que hace hincapié en el aprendizaje empírico con las ciudades.*

**PALABRAS-CLAVE** lugar; urbanidad; convivialidad: *proposiciones exploratorias y alternativas creativas*



## 1 INTRODUÇÃO

Pode até soar meio melodramático, mas, após um fôlego para breve reflexão, a situação nas megacidades contemporâneas não parece tão distante assim de chegar a clamar por uma urbanidade para bilhões. O fôlego, seguramente, também dará tempo para repassar que mais da metade da população da Terra vive, neste limiar do século XXI, em ambientes urbanizados – compondo uma sociedade dita de ‘urbanitas’, isto é, de seres que vivem em cidades. Uns poucos minutos a mais de reflexão irão igualmente permitir recordar que esses seres amam a ‘urbanidade’, aquela qualidade diferencial que se deixa perceber somente em meios urbanizados – a qualidade típica e única do ambiente construído pelo ser humano, do ambiente antropizado – que muitos autores já procuraram elaborar em palavras, mas cuja percepção é predominantemente sensorial, difícil de enunciar. Aliás, uma Bienal inteira de Arquitetura – a Primeira Bienal de Arquitetura realizada em Paris, em 1980, sob direção de Jean Nouvel – tentou perscrutar mais intensamente sobre urbanidade, chegando até a atribuir ao conceito o privilégio de designar o evento como um todo: “Urbanité: Savoir faire la ville et savoir vivre en ville”. Entretanto, os resultados não se atreveram a avançar sobre o conceito uma definição suficientemente firme de modo a torná-la modelar.

É bem possível extrair uma premissa disso tudo e afirmar: a urbanidade é desfrutada em cidades. Isso é fácil de entender. Além disso, uma pequena extrapolação bastará para, um pouco além, conjecturar que o fenômeno da urbanidade se manifesta com mais intensidade em *alguns* espaços da cidade. Com muita razão, alguns autores falam até em lugares da urbanidade, ou seja, lugares urbanos onde um acúmulo de convergências fenomenológicas parece levar a urbanidade a eclodir com maior espontaneidade.

Também do que foi argumentado acima, é possível estabelecer ainda outra premissa: a tal sociedade constituída por urbanitas é uma sociedade *nova* – sem precedentes na história da Humanidade – justamente por ser uma sociedade majoritariamente urbanizada. Se aliarmos a isso a sensata mensagem costumeiramente passada por Rem Koolhaas aos estudantes de arquitetura e urbanismo de que “Nossa sociedade reinventa continuamente suas necessidades, e essas necessidade são reais<sup>1</sup>” (KOOLHAAS, 2006 p.44), parece que é mais do que chegado o tempo de buscar delinear as características espaciais que moldam as localizações urbanas suscetíveis de

---

<sup>1</sup> No original: “Our society continually reinvents its needs, and these needs are real”.

gerar urbanidade. Ou de como estão sendo reinventadas as características espaciais desses espaços de convívio.

Sabe-se que é tradição longamente cultuada na disciplina a de que a sociedade estabelece para si os espaços urbanos públicos como o lócus preferencial para o exercício de sua sociabilização. Sabe-se também – e os termos expressos no eixo temático ‘Espaço Público e Cidadania’ do III ENANPARQ não deixam dúvidas a respeito – que um dos pressupostos para uma construção coletiva que envolva arquitetura, cidade e projeto deverá necessariamente pesquisar sobre a “atribuição de novos significados aos sistemas de espaços livres de edificação, aos espaços coletivos públicos e privados e ao viver na cidade”, como se lê na chamada ao Eixo. No entanto, nem sempre é possível levar adiante a investigação sobre esses novos significados, já que essa empreitada enfrenta um quase incontável número de empecilhos que a ela se antepõem, alçados – lamentavelmente – por todas as esferas das ações de planejamento urbano – Estado, Academia, Empresariado, Cidadania, Corporações. Já se tornou praticamente um vício entre os pesquisadores espaciais considerar o tópico como de menor importância, principalmente se envolverem qualquer referência a espaços coletivos privados, normalmente taxados como favorecedores ao elitismo.

Na verdade, é difícil aceitar, mas, parece que Rem Koolhaas tinha mesmo razão ao se queixar de que os arquitetos

(...) são incapazes de ler no contexto da sociedade, as mutações que estão acontecendo e de reinterpretar certos fenômenos como constituindo versões novas, encarnações, ou manifestações de fenômenos já conhecidos em termos arquitetônicos. Acho que nós ainda estamos entalados naquela história de rua e de praça como sendo o domínio público, só que o domínio público está mudando radicalmente (...). Apesar disso, nós, arquitetos continuamos a percebê-lo através de um modelo nostálgico que uma vez concebemos a seu respeito e, num sentido incrivelmente moralista, recusamos os sinais de que o espaço público esteja sendo reinventado em outros termos, mais populares ou mais comerciais<sup>2</sup> (KOOLHAAS, 1996, p. 45).

Felizmente, isso não justifica uma paralisia quanto ao repensar-se o tópico dos (novos) espaços públicos, cujos projetos, em um bom número de casos, exibem um variado portfólio de configurações a responder à permanente variedade de eventos tecnológicos, ambientais, socioeconômicos e culturais constantemente introduzidos pelas ações de arquitetura e urbanismo contemporâneos.

---

<sup>2</sup> (...) are unable to read the mutations that take place and to reinterpret certain phenomena as being new versions, incarnations, or manifestations of phenomena they previously knew in architectural terms. I think we are still stuck with this idea of the street and the plaza as a public domain, but the public domain is radically changing. (...) But we as architects still look at it in terms of a nostalgic model, and in an incredibly moralistic sense, refuse signs of its being reinvented in other more populist or more commercial terms.

Se, por um lado, a observação mais atenta da contemporaneidade das cidades estabelece boa abertura para a introdução de uma diversidade de linhas de raciocínio a respeito dos novos espaços públicos urbanos; por outro, a cidade brasileira, com características tão excepcionais em termos de desigualdades sociais, torna até justificado o emprego da metáfora da ‘urbanidade para os bilhões’ para o approach à discussão sobre seus espaços de convívio. Embora soe alarmista, a metáfora já teria adquirido uma certa consistência, aproximando-a de se tornar realisticamente razoável mesmo no Brasil: hoje não seria nada grotesco fazer constar da pauta dos planejadores espaciais do século XXI a preocupação em prover lugares conviviais para os bilhões de urbanitas do planeta. De fato, não se está tão longe disso e outros países dos BRICs<sup>3</sup>, como Índia e China, já podem se considerar próximos de situações-limites desse teor. A cidade brasileira, embora ainda não atingida pela dramaticidade da ‘urbanidade para os bilhões’ do título, apresenta uma situação muito distante da distribuição espacial equitativa que se julgaria conveniente para os espaços de convívio – sejam eles públicos ou privados.

Obviamente, ainda não há soluções mágicas que possam suprir metas assim irrealistas, mas pode haver, outrossim, a tentativa de desbravar caminhos por onde se torne viável perscrutar possibilidades para incrementar a oferta de espaços conviviais, tornando-os mais acessíveis ao grosso das populações urbanas.

Pelo menos duas dessas linhas serão mais extensivamente elaboradas no presente trabalho, uma, envolvendo o registro de proposições exploratórias calcadas na investigação dos espaços conviviais que, aparentemente, despontam como os mais usuais para as práticas cotidianas da população; e, outra, o registro de espaços de convívio resultantes de escolhas por localizações alternativas evidenciadas em diferentes realidades urbanas. Em ambos os casos será privilegiada uma aproximação metodológica nitidamente instruída por um aprendizado empírico com as cidades.

## **2 PROPOSIÇÕES EXPLORATÓRIAS**

Nem sempre os arquitetos e urbanistas acertam quando criam espaços da cidade designados a conformar lugares de convívio. Atentas elaborações, requintados procedimentos quantitativos, cuidadosas planilhas preditivas, enfim, esmerados instrumentos técnicos, tudo isso junto acaba não sendo suficiente para garantir a desejada apropriação dos espaços planejados pelo efetivo uso público. E raramente aparecem críticas de estudiosos preocupados em registrar essas lacunas, ou,

---

<sup>3</sup> BRICS é um acrônimo que se refere a Brasil, Rússia, Índia, China, que se destacam no cenário mundial como países em desenvolvimento acentuado. O S final reporta a ‘South Africa’ (África do Sul), enquanto o R de Rússia talvez deva permanecer em suspenso graças ao atual (março 2014) litígio comercial do país com as potências ocidentais.

principalmente, em tentar aprofundar-se em seu entendimento. Todavia, com a proliferação dos modernos instrumentos que estão hoje disponíveis às redes sociais passa a haver um crescente número de contribuições – ou tentativas de contribuições – a assuntos que preocupam os cidadãos urbanos, entre eles, especificamente os da imperiosa necessidade de suprir a cidade contemporânea de espaços públicos de convívio, carência contumazmente constatada pela maioria dos atuais pesquisadores urbanos e observada com preocupante relevância na realidade das cidades brasileiras. Por isso já não é surpresa tão grande assim encontrar blogs, sites, posts, e outras mensagens congêneres tratando de assuntos que interessam diretamente aos arquitetos, mas aos quais, estes ainda não têm conseguido superar o estágio de apenas emitir protestos, apontar culpas ou entoar lamúrias. Um desses sites é <http://thisbigcity.net/pt-br/><sup>4</sup>, onde um artigo recente (setembro 2013) traz um conjunto de reflexões sérias, diretas e simples (como devem ser as reflexões), porém, suficientemente ajuizadas a ponto de se tornarem capazes de introduzir proposições de caminhos factíveis a explorar no enfrentamento de questões relativas aos espaços públicos. O artigo questiona por que “não ocupamos o espaço público em sua totalidade? Por que nossas praças e parques – salvo raras exceções – vivem vazios?”, enquanto muitos lugares privados de acesso público que dependem de pagamento e consumo (como bares) vivem repletos, originando o que alguns estudiosos justificam com a habitual e repetitiva explicação de que se trata apenas de um ‘aspecto cultural’ da vida dos brasileiros. Ora, continua o artigo, esse

(...) discurso cultural esconde um problema maior de falta de pertencimento e apoderamento do espaço público, onde a sociedade não vê aquilo como seu e não considera a tomada do mesmo, relegando o que poderia ser um oásis urbano e um *hub* cultural a uma peça suja e temida da cidade (...) com a desculpa de que não era da nossa cultura sentar-nos no chão, escadarias ou praças, que aquilo era mal visto, inseguro e sujo (RODRIGUES, 2013).

O autor do artigo, da área de Turismo, completa suas observações comentando que “Esse é o ponto quando pensamos em criação de espaços, um lugar apenas, aberto e público. Um lugar somente para sentarmos ou um espaço aberto para realizarmos alguma atividade”; e, antes de encerrar, ainda colabora com a inclusão de algumas experiências pragmáticas no Brasil e no exterior, de onde traz especialmente o bem sucedido exemplar do Parque High Line, de Nova York (FIGS. ), originado de parceria entre a administração pública, o setor de empresas privadas, o engajamento comunitário e de toda uma grande rede de mobilização civil capaz de gerar a criação de uma ONG, ‘The Friends of the High Line’, responsável pelo diálogo com os

---

<sup>4</sup> *This Big City* é uma premiada organização de mídias sociais que compartilha ideias e estimula a discussão sobre cidades sustentáveis.

escritórios de arquitetura (Diller & Scofidio e Renfro), pela manutenção do cotidiano do parque, e por uma vigorosa participação voluntária nas atividades de gerenciamento e sustentação.

Figura 1: Parque High Line, New York. Um lugar para sentar.



*Fonte: Autor 2012.*

Figura 2: High Line, New York. Manutenção solidária.



*Fonte: Autor, 2012.*

Figura 3: High Line, New York



Fonte: Autor 2012.

A palavra-chave nas iniciativas em relação à belíssima experiência de espaço público do High Line de Nova York parece indubitavelmente estar ligada a *solidariedade*. Ali, a proposição exploratória que interessa registrar neste trabalho se vê impregnada por um prodigioso volume de um elemento novo que, lentamente, vem sendo reintroduzido nas questões urbanas: o vínculo espontâneo entre as pessoas. Só que quando se fala de solidariedade aqui, não se está tratando meramente de um romântico ‘wishful thinking’ mas, sim, da antiga, factual e confiável dependência recíproca que um dia se estabeleceu no seio da sociedade e que já foi causa e razão da própria urbanização da Humanidade.

Para os arquitetos e urbanistas há muito que aprender com os novos comportamentos da sociedade urbanizada de hoje. Uma recente entrevista do respeitado sociólogo polonês Zygmunt Bauman, hoje na Universidade de Leeds, juntamente com sua filha arquiteta Irena Bauman, da Universidade de Sheffield, alerta que há, sim, boas alternativas metodológicas ofertadas aos planejadores e urbanistas dos tempos presentes, mas que é preciso desencavá-las do âmbito das práticas sociais da contemporaneidade para daí poder aplica-las conscientemente. Eles falam com algum otimismo sobre a noção do ‘consumo colaborativo’, à qual atribuem a prodigiosa possibilidade de fazer disseminar, na cidade contemporânea, a ideia de compartilhamento de responsabilidades. Tal característica é vista como crucial pelo sociólogo, que acrescenta em sua entrevista: “A palavrinha que está faltando aqui até agora nessa nossa conversa é ‘convivial’. Acho que a promoção de atividades conviviais vem mais ao caso do que estimular o próprio desenvolvimento de comunidade”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> No original: The word which is missing here so far in our conversation is the word ‘conviviality’. Conviviality I think is much more to the point here than community.



(THOMSEN, 2013:21, tradução livre). Para o registro de proposições exploratórias a considerar na busca por uma ‘urbanidade para os bilhões’, a noção de uma *convivialidade*<sup>6</sup> seria muito significativa, tendo em vista que os lugares da urbanidade, fulcro de atenção das pesquisas sobre espaços públicos, forneceria, eles mesmos, amplos potenciais para fazer germinar novas e surpreendentes maneiras de modelar as práticas sociais. E elas podem se traduzir por práticas mais solidárias até na maneira como consumimos, quando o exemplo levantado pelos Bauman é o do sistema de compartilhamento de bicicletas urbanas, originado em Londres (lá conhecido como “Boris Bikes” e já bastante difundido no Brasil), onde há a disponibilidade de uma bicicleta que vinte ou mais diferentes pessoas podem usar solidariamente. (FIG.).

Figura 4: Bicicletas compartilhadas em Londres.



Fonte: Autor 2011.

A iniciativa sobrevive e, ironicamente, hoje já recebe ‘solidariedade’ até de instituições bancárias – e não mais só em Londres . Como benefício paralelo, o compartilhamento do uso de bicicletas colaborará no mínimo a fazer crescer o reconhecimento de que na cidade de hoje vivemos todos no ambiente uns dos outros, não nos deixando esquecer o fato de que todos dependemos uns dos outros.

---

<sup>6</sup> Verbete inexistente, usado livremente aqui como neologismo para conotar uma noção de convívio humano coletivo no espaço.

### 3 ALTERNATIVAS CRIATIVAS

Não se sabe ao certo se pelo liberalismo econômico do fim do século XX ou se pelo incremento a um modo de viver permeado por atitudes mais democratizadas, o mundo do planejamento se encontra, nesta segunda década do século XXI, surpreendentemente invadido por ações não ortodoxas, mas, que estão seguramente associadas ao que se entenderia como de acentuada participação popular. O registro mais cuidadoso dessas iniciativas poderá ensejar a concepção de um verdadeiro aprendizado empírico. Ou seja: um acumular de lições a aprender com o que se vê mundo afora, e que crescentemente vem se caracterizando por práticas que evidenciam o apoio a ações congradadas a partir do que pensam as comunidades – isto é, iniciativas propostas de ‘baixo para cima’ (conhecidas como “bottom–up” no jargão do planejamento) – que percorrem uma trajetória originária dos escalões mais rasos, ascendendo progressivamente até os de maior poder de decisão.

Desnecessário ressaltar que esse testemunhar de usos alternativos de espaços urbanos tem muito a ver com atentos registros tomados geralmente *in situ*. É muito frequente que desses registros brotem estratégias a indicar “patterns” alternativos quanto à oferta de espaços públicos, que evocam não só alguns manuais, como aqueles produzidos pela equipe de Christopher Alexander, mas que também trazem à lembrança as estratégias e táticas um dia apregoadas por Michel de Certeau em suas reflexões sobre a *morfologia da prática*, apontando para um caminho aberto pela cuidadosa investigação de possibilidades trazidas por *táticas* engendradas pelos moradores das cidades para fins de criar oportunidades concretas para a realização de suas práticas cotidianas. Para De Certeau, recorde-se, estratégias são manipulações de relações de força definidas pela posse de um lugar independente de tempo, enquanto táticas, são ações quando se está dentro do campo do outro no momento oportuno de dar um golpe, mais dependente do tempo (DE CERTEAU, 1984, p. 16).

De maneira análoga, não é difícil encontrar experiências que registram uma manifestação de urbanidade surgida em lugares urbanos inesperados e até improváveis. Aí desponta uma engenhosa tática capaz de multiplicar sobremaneira a difusão da urbanidade. Na sequência, pelo menos quatro exemplares de cenários assim constituídos serão lembrados através de fotos (FIGS.). As imagens são reveladoras de um potencial até certo ponto imprevisível de que estão imbuídos muitos espaços urbanos, os quais, de modo inesperado, podem repentinamente se tornar veículos de acolhimento da urbanidade, habilitando mais e mais moradores a desfrutar seus benefícios.

Figura 5: High Line, New York. O “loose space” embaixo do Parque.



*Fonte: Autor, 2012*

Figura 6: O “loose space” no entorno da Usina do Gasômetro, Porto Alegre



*Fonte: Autor*

Figura 7: Espaço fronteiro à loja da empresas Apple, Nova York



*Fonte: Autor 2012.*

Figura 8: Um “loose space” no entorno do museu Tate Modern, Londres



*Fonte: Autor 2011*

Embora de maneira ainda incipiente, a própria literatura da área vem se preocupando em incluir o apontamento de contribuições que, comprovadamente, vêm enriquecendo a diversidade de oferta de lugares urbanos, registrando-a a partir da constatação de alternativas criativas. O registro dessas manifestações abre para os pesquisadores possibilidades de introduzir inovações igualmente criativas em suas proposições para os espaços públicos de convívio. Uma das peças da literatura mais abrangentes nesse sentido é a coleção de artigos compilada pelos pesquisadores Karen Franck (Jersey Institute of Technology, Estados Unidos) e Quentin Stevens (University College London, Reino Unido) denominado “Loose Space. Possibility and diversity in urban life”. Nele, os autores buscaram selecionar uma gama diversificada de situações que se debruçam sobre o que denominam de “loose space” – livremente traduzível

como *espaços soltos*, *espaços livres*. A compilação abre uma perspectiva teorizadora muito interessante no sentido de buscar explicações para um fenômeno que vem sendo percebido insistentemente na contemporaneidade das cidades – e que se bem gerenciado, pode abrir caminhos muito propícios para enfrentar a questão da insuficiência (ou da inadequação) dos espaços públicos de convívio.

O diferencial marcado pelos autores é de que esses espaços ‘loose’, muito presentes nas cidades contemporâneas, estão sendo livremente apropriados como *lugares* urbanos pela população (em algumas situações). Como os próprios editores explicam na chamada de capa de seu livro,

Em cidades ao redor do mundo as pessoas usam uma variedade de espaços públicos para relaxar, protestar, comprar e vender, experimentar e comemorar. “Loose Space” explora as diversas maneiras pelas quais, os moradores urbanos, com criatividade e determinação, se apropriam de espaços públicos para atender suas próprias necessidades e aspirações. Familiares ou inesperadas, espontâneas ou planejadas, momentâneas ou duradouras, as atividades que preenchem o ‘vazio’ continuam trazendo vida e energia às cidades. (...). Os colaboradores discutem uma vasta gama de atividades recreacionais, comerciais e políticas; algumas são convencionais, outras são mais experimentais. Algumas das atividades ocorrem de acordo com os usos intencionalmente planejados como espaços públicos, como calçadas e praças; outras atividades substituem antigos usos, como as que ocorrem em armazéns abandonados e antigas áreas industriais (...). Os treze estudos de caso apresentados no livro são de abrangência internacional e demonstram a continuada riqueza da vida urbana pública que é criada e sustentada pelos próprios urbanitas (FRANCK & STEVENS, 2007, contracapa)<sup>7</sup>.

De modo análogo, há também autores que defendem ainda mais arduamente a possibilidade de emergir, da área de estudos espaciais, um novo campo de design que concretize a efetivação da inovação social na construção do espaço público. Desse modo, o acompanhamento de fenômenos sociais em pauta nas cidades – e na sociedade como um todo – permitem a visualização das cidades como laboratórios sociais onde novas ideias e novas soluções estão sendo inventadas e gestadas. São soluções que têm, “(...) como efeito-paralelo, a geração de formas inéditas de comunidades (eletivas) e espaços públicos (compartilhados) que, em última análise,

---

<sup>7</sup> No original: In cities around the world people use a variety of public spaces to relax, to protest, to buy and sell, to experiment and celebrate. LOOSE SPACE explores the many ways that urban residents, with creativity and determination, appropriate public space to meet their own needs and desires. Familiar or unexpected, spontaneous or planned, momentary or long-lasting, the activities that make urban space “loose” continue to give cities life and vitality. (...) Contributors discuss a wide range of recreational, commercial and political activities; some are conventional, others are more experimental. Some of the activities occur alongside the intended uses of planned public spaces, such as sidewalks and plazas; other activities replace former uses, as in abandoned warehouses and industrial sites. (...) The thirteen case studies, international in scope, demonstrate the continuing richness of urban public life that is created and sustained by urbanites themselves.

sugerem a potencial emergência de uma cidade convival, acolhedora, segura, criada por seus próprios habitantes”<sup>8</sup> (MANZINI, 2010, p.13).

As fotografias aqui apresentadas procuram mostrar situações em que é possível perceber com boa clareza a ocorrência de um ‘transbordamento’ da energia acumulada num determinado lugar e que se torna suscetível de ‘vazar’ em direção aos entornos desse lugar, adicionando ainda mais lugares de convívio ao repertório já existente de lugares da cidade.

#### 4 CONCLUSÃO

A conclusão sobre um trabalho que se dispõe a debater sobre a atribuição de novos significados aos espaços coletivos públicos e privados não pode se cobrir de entusiasmo, porém tampouco necessita se impregnar de irremediável desesperança. Há, aparentemente, saídas. E o aprendizado empírico parece ser uma delas. Na verdade, esse aprendizado talvez seja mais rico do que se supõe em ensinamentos a transmitir aos arquitetos e planejadores. Isso pode ser tacitamente intuído partindo-se da observação de proposições exploratórias como, por exemplo, as estimulantes conquistas alcançadas em políticas voltadas para as multidões, aplicadas através de táticas como as que se encontravam vigentes na Colômbia, tempo das iniciativas pioneiras dos ex-prefeitos de Bogotá Antanas Mockus e Enrique Peñalosa (KIMMELMAN, 2012); ou dos esforços praticados em metrópoles globais, como os lembrados por Zygmunt e Irena Bauman, mencionados anteriormente. Estes últimos, por sinal, sugerem deixar para trás a aspiração de comando do Planejamento, adotando, em seu lugar, o Planejador como um animador das atividades conviviais; e que – além disso, e principalmente – acreditam fervorosamente numa condição humana permeada pelo compartilhamento de responsabilidades, indicador crucial de um caminho voltado em direção à resiliência. “(...)as cidades são como um laboratório”, interpretam os estudiosos, “no qual todos os meios que possam lidar com a situação estão sendo desenhados, estão sendo testados, estão sendo postos em operação”.<sup>9</sup> (THOMSEN, 2013, p.18). E que cabe a nós, arquitetos e urbanistas, registrar como essas mutações podem ser interpretadas como proposições exploratórias expressas através de alternativas criativas.

---

<sup>8</sup> No original: (...) as a side-effect, are generating unprecedented forms of community (elective communities) and public spaces (shared public spaces). Ultimately, they suggest the potential emergence of a convival, welcoming, safe city created by its own inhabitants.

<sup>9</sup> No original: (...)’the cities as a laboratory’ in which all sorts of means to deal with the situation are being designed, are being tested, are being put into operation.



## Referências

- CERTEAU, Michel De (1994). A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Tradução Ephraim Alves, nova edição estabelecida e apresentada por Luce Giard. Petrópolis: Vozes.
- FRANCK, Karen A. & STEVENS, Quentin (2007). Loose Space. Possibility and Diversity in Urban Life. Londres/Nova York: Routledge.
- KIMMELMAN, Michael (2012). Past Its Golden Moment, Bogotá Clings to Hope. The New York Times. Acesso em 09/07/2012.
- KOOLHAAS, Rem (1996). Rem Koolhaas: Conversations with Students. Architecture at Rice 30. 2ª edição. Houston, TX/Nova York: Rice University School of Architecture/Princeton Architectural Press.
- MANZINI, Ezio (2010). The Social Construction of Public Space. In Barbara Marusic et al, Human Cities: Celebrating Public Space. Urban Planning Institute of the Republic of Slovenia/Pro Materia, pp.6-15.
- RODRIGUES, Igor (2013). Como transformar o espaço público no Brasil. Acesso em 06/10/2013. In <<http://thisbigcity.net/pt-br/category/planejamento/criacao-de-espacos/>>. Este artigo foi originalmente publicado no site sobre cidades sustentáveis This Big City.
- THOMSEN, Henning (2013). Planning Must Help Us Change Our Lifestyle. Interview with Zygmunt Bauman & Irena Bauman. In Conversations on Housing & Planning. IFHP Centenary Congress Londres. Edição especial (circulação restrita) de Arkitektur DK, Copenhagen, p.18-23.